

Comércio Exterior

Laura Lúcia Ramos Freire

Economista, Coordenadora de Estudos e Pesquisa do Banco do Nordeste/ETENE
laurarf@bnb.gov.br

Resumo:

O presente texto analisa o desempenho do comércio exterior da Região Nordeste e de seus estados, no período de 2000 a 2018. Analisa as exportações nordestinas pela ótica do fator agregado e as importações segundo as grandes categorias econômicas bem como os principais países de destino das exportações e de origem das importações. Utiliza como base de dados tabulação especial realizada pela FUNCEXDATA com base nos dados da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX) do Ministério da Economia.

Palavras-chave

Comércio exterior; Nordeste e estados; Desempenho das exportações e importações.

1 Introdução

Apesar da importância do comércio internacional para o desenvolvimento econômico de um país, a participação do Brasil nesse mercado ainda é pequena: 1,23% das exportações e 0,87% das importações mundiais em 2017 (WORLD TRADE ORGANIZATION, 2018).

O acelerado processo de globalização e de interconectividade das economias, as mudanças tecnológicas, as novas formas de organização da produção incrementadas/fragmentadas pelo surgimento das cadeias globais de valor e o ritmo de crescimento da economia mundial são alguns dos fatores externos que influenciam o nível de inserção internacional do País.

O comércio externo brasileiro sofre, ainda, influência do ritmo da atividade econômica doméstica, das flutuações do câmbio e dos preços das commodities, da incorporação de tecnologia e do nível produtividade/competitividade dos produtos exportados, bem como da política industrial e comercial.

A evolução das trocas comerciais brasileira, neste século, pode ser observada no Gráfico 1. As exportações registraram crescimento de 336% (8,5% a.a.), entre os anos 2000 e 2018, passando de US\$ 55.018 milhões para US\$ 239.889 milhões. Já as importações cresceram 224% (6,8% a.a.), de US\$ 55.891 milhões para US\$ 181.231 milhões. O saldo da balança comercial inicia a série deficitário (-US\$ 873 milhões), em 2000, e depois apresenta sucessivos superávits até 2018. A exceção ocorreu no ano de 2014, quando o déficit foi de US\$ 4.153 milhões.

A crise financeira internacional que eclodiu em setembro de 2008 causou redução na demanda externa na maioria das economias. No Brasil, refletiu fortemente nos resultados do comércio externo em 2009: as exportações registraram retração de 22,7% e aquisições de 26,2%, relativamente ao ano anterior.

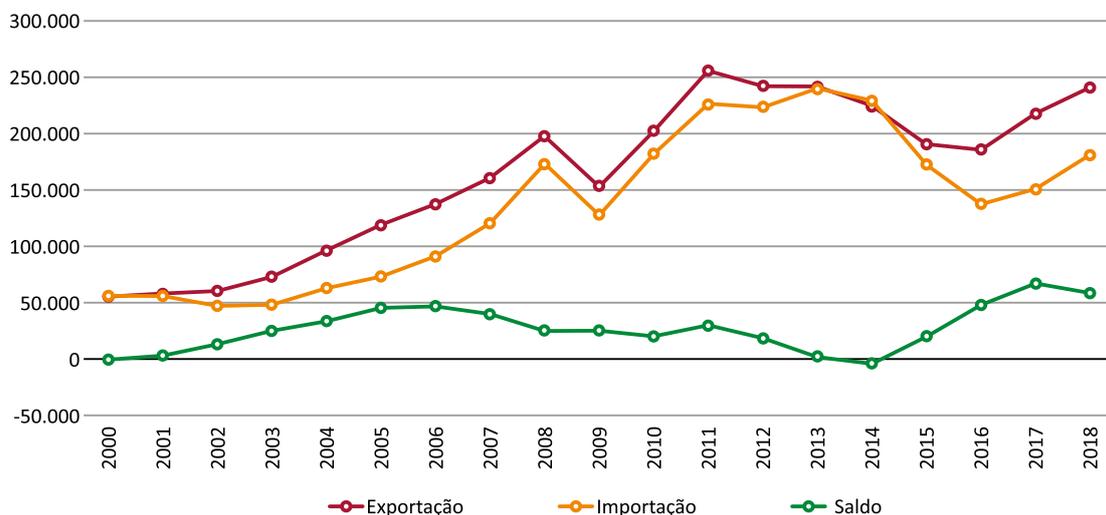
Após esse período de crise, tanto exportações quanto importações registram crescimento, em 2010 e 2011. As exportações, em 2012, atingiram o maior valor da série (US\$ 255.936 milhões) devido, principalmente, à alta dos preços das principais *commodities* comercializadas pelo País.

A partir de 2013, entretanto, as exportações começam a retroceder, o mesmo acontecendo com as importações, em 2014. Esse período foi influenciado pela estagnação econômica da União Europeia, pelo crescimento moderado dos Estados Unidos e pela redução dos níveis de crescimento da China aliado à queda dos preços das *commodities* comercializadas no País. A melhora no saldo comercial, em 2015 e

2016, ocorreu não pelo aumento nas exportações, mas pelas quedas mais expressivas nas importações, resultado da retração da economia doméstica.

O dinamismo comercial brasileiro tomou novo fôlego a partir de 2017, quando verificou-se recorde histórico da balança comercial (US\$ 66.990 milhões). Entretanto, o superavit de 2018 (US\$ 58.659 milhões) foi inferior ao do ano anterior.

Gráfico 1 – Brasil: Exportação, importação e saldo de 2000 a 2018 - Em US\$ milhões correntes



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da Secex/ME (BRASIL, 2019).

O objetivo do presente texto é apresentar o perfil do comércio exterior da Região Nordeste e de seus estados. São analisadas as exportações segundo fator agregado, as importações pela ótica das grandes categorias econômicas, bem como os principais países de destino das exportações e de origem das importações do Nordeste. O período de análise compreende os anos de 2000 a 2018. Os dados aqui apresentados têm como origem tabulação especial realizada pela FUNCEXDATA com base nos dados da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX) do Ministério da Economia.

2 Trajetória do Comércio Externo do Nordeste

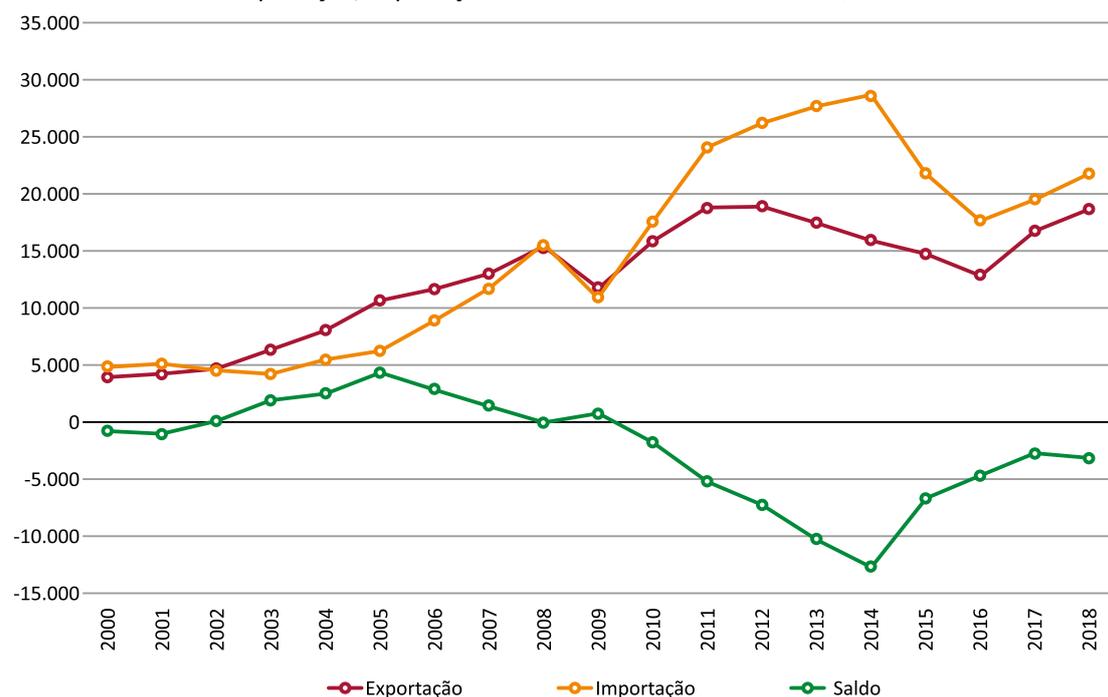
As exportações e importações do Nordeste registraram trajetória similar em comparação com o comércio externo brasileiro, sofrendo das mesmas influências externas e internas, além da longa estígia que assolou a Região. As exportações do Nordeste alcançaram US\$ 18.500 milhões em 2018, ante US\$ 4.018 milhões em 2000, aumento de 362% (8,9% a.a.). As importações somaram US\$ 21.675 milhões em 2018, em contraste com US\$ 4.776 milhões em 2000, incremento de 354% (8,8% a.a.). Referidos aumentos percentuais superaram os apresentados pelo comércio brasileiro.

Em 2009, ainda sob o efeito da crise econômica mundial, as exportações decresceram 24,9%. As vendas externas aumentaram em 2010 (+26,7%) e 2011 (+18,8%), porém, no intervalo de 2012 a 2016 registraram sucessivas quedas. A recuperação ocorreu nos anos seguintes, crescendo 30,8% em 2017 frente a 2016, e 10,7% em 2018 relativamente a 2017.

Já as importações, após retrocesso de 30,6% em 2009 ante 2008, voltaram a declinar em 2015 (-25,5%) e 2016 (-17,9%) devido à redução da atividade doméstica. As aquisições externas cresceram 10,7% em 2017 e 11,7% em 2018, relativamente aos anos anteriores.

Já o saldo da balança comercial do Nordeste, ao contrário do auferido pelo País, registrou déficits em 2000 (-US\$ 758 milhões), 2001 (-US\$ 921 milhões) e 2008 (-US\$ 1.699 milhões) e de 2010 a 2018. Parte dos déficits apresentados pela Região deve-se às aquisições de Combustíveis e Lubrificantes (FREIRE e BARROSO, 2018).

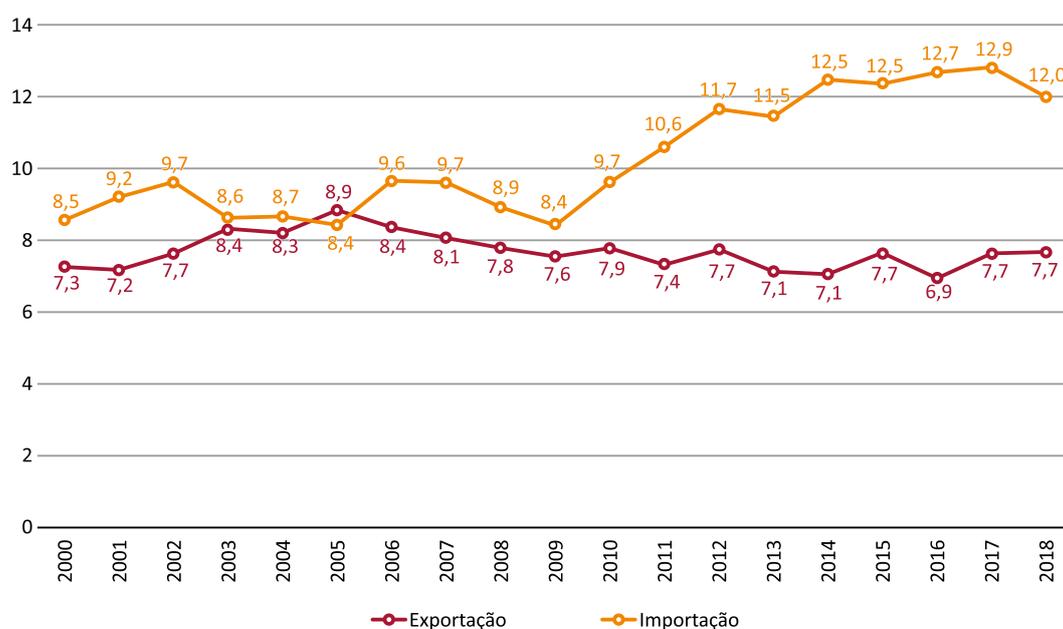
Gráfico 2 – Nordeste: Exportação, importação e saldo de 2000 a 2018 - Em US\$ milhões correntes



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2019).

No período em análise, as exportações do Nordeste pouco avançaram em termos de contribuição ao total das vendas externas do País. Em 2000, as exportações da Região participaram com 7,3% do total nacional, e em 2018, com 7,7%. Por sua vez, as importações apresentaram uma trajetória ascendente, com poucas oscilações. No ano de 2000, responderam por 8,5% do total das aquisições do País, atingindo 12,0% em 2018.

Gráfico 3 – Nordeste: Participação (%) nas exportações e importações totais do Brasil - 2000 a 2018



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2019).

3 As Exportações do Nordeste segundo Fator Agregado

A análise das exportações por fator agregado (ou classe dos produtos) considera o grau de elaboração ou de agregação de valor que o produto passa ou adquire durante seu processo de produção até a venda final.

Os Produtos Básicos (produtos com baixo grau de elaboração) participaram com 29,3% do total das vendas externas do Nordeste, alcançando US\$ 5.427,4 milhões, em 2018. Em 2000, contribuíram com 18,3% (ou US\$ 737,1 milhões). Foram os que apresentaram maior crescimento do valor de suas transações, 636%, nesse período, ou 11,7% a.a.

Esse desempenho deveu-se, principalmente, ao incremento da produção de soja no oeste da Bahia, no sul do Maranhão e nos anos mais recentes, no sudoeste do Piauí. No período em análise, as vendas externas da oleaginosa cresceram 2.614%, ou 20,1% a.a.

A receita gerada com as exportações de soja somaram US\$ 3.135,4 milhões, em 2018, representando 57,8% das vendas dos produtos básicos e 16,9% do total exportado pela Região, sendo, portanto, o principal produto da pauta do Nordeste.

Os produtos Industrializados representavam 79,8% em 2000 (US\$ 3.208,2 milhões), passando para 70,2% em 2018 (US\$ 13.014,1 milhões). Estes são divididos em semimanufaturados (com grau intermediário de transformação) e manufaturados (maior grau de elaboração).

A trajetória das exportações dos produtos Semimanufaturados mostra perda de participação no total das vendas da Região, de 36,2%, em 2000, para 28,9% em 2018. Atingiam US\$ 1.455,7 milhões, em 2008, passando para US\$ 5.358,0 milhões, em 2018, incremento de 268%, nesse período, ou 7,5% a.a., abaixo do registrado pelas vendas totais do Nordeste.

Os principais produtos exportados pelo grupo dos semimanufaturados, em 2018, foram celulose (US\$ 2.289,1 milhões) produzida no Maranhão e Bahia e produtos semimanufaturados de ferro e aço (US\$ 1.370,2 milhões), produzidos no Ceará, participando com 42,7% e 25,6% do grupo e com 12,3% e 7,4% do total das exportações do Nordeste, respectivamente.

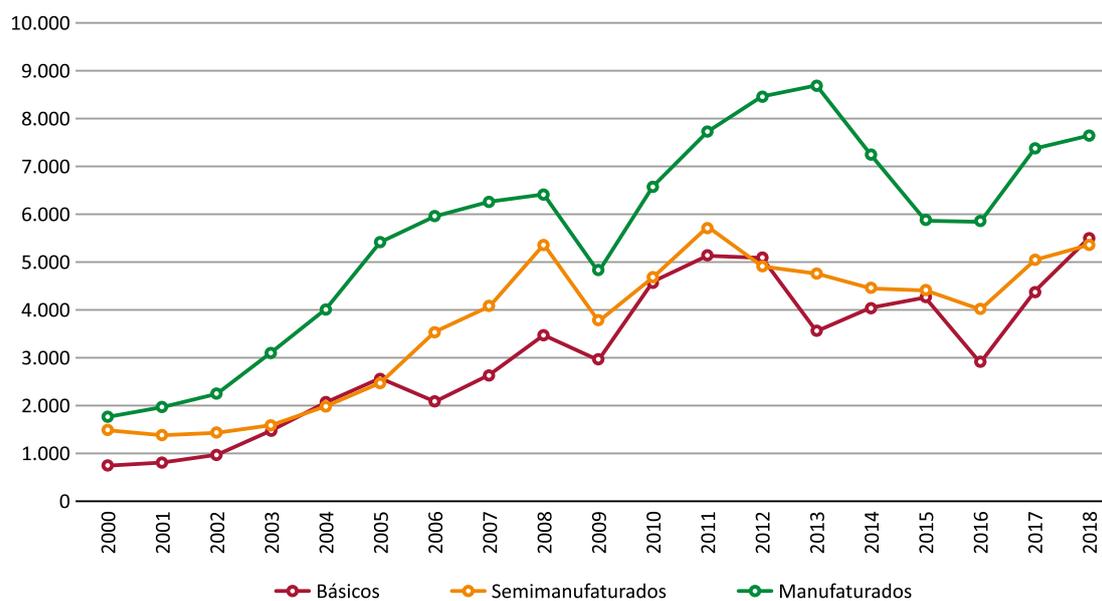
Os produtos manufaturados são os mais representativos da pauta de exportação da Região (43,6% em 2000 e 41,3% de participação em 2018). Em 2000, as exportações atingiram US\$ 1.752,4 milhões e, em 2018, US\$ 7.656,1 milhões, crescimento de 337% nesse período (8,5% a.a.).

Os principais produtos exportados pelo grupo, em 2018, foram óxidos e hidróxidos de alumínio (21,3% das exportações dos produtos manufaturados), óleos combustíveis (16,3%) e automóveis de passageiros (11,8%).

Vale ressaltar que o setor automotivo do Nordeste começou a se fortalecer com a inauguração, em 2001, da fábrica da Ford em Camaçari, na Bahia e, em 2015, com a instalação do Polo Automotivo da Jeep, em Goiana (PE), empreendimento do grupo Fiat Chrysler Automobiles (FCA). Nos últimos anos, a recessão econômica enfrentada pela Argentina tem repercutido no setor.

Os Gráficos 4 e 5 mostram a estrutura das exportações por fator agregado, em valor e em percentual.

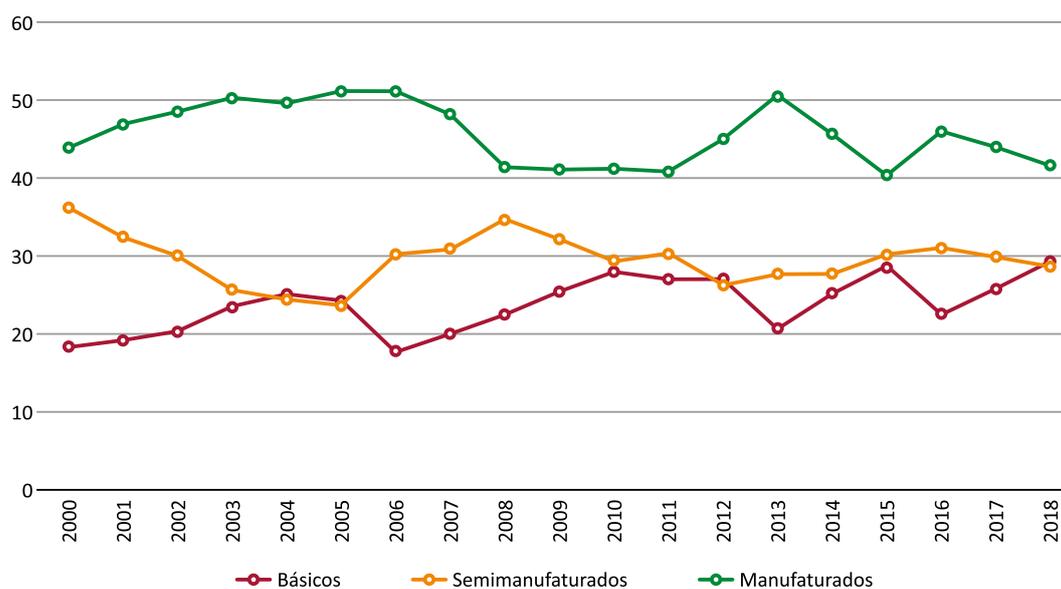
Gráfico 4 – Nordeste: Exportação por fator agregado de 2000 a 2018 - Em US\$ milhões correntes



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2019).

Nota: Foram excluídas as transações especiais e o consumo de bordo.

Gráfico 5 – Nordeste: Exportação por fator agregado de 2000 a 2018 - Em %



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2019).

Nota: Foram excluídas as transações especiais e o Consumo de bordo.

4 As Importações do Nordeste segundo as Grandes Categorias Econômicas

As importações do Nordeste são analisadas segundo a Classificação por Grandes Categorias Econômicas – CGCE elaborada pelas Nações Unidas, para classificar a destinação e uso dos bens, distribuídos nas seguintes classes: Bens Intermediários, Bens de capital, Combustíveis e Lubrificantes, Bens de Consumo Duráveis e Bens de Consumo não Duráveis além daquela que reúne os Bens não Classificados.

As importações de Bens Intermediários destinam-se à produção de outros bens intermediários ou de produtos finais, portanto, estão diretamente relacionadas ao nível de produção industrial interna. Na pauta do Nordeste, representaram 55,8% (US\$ 12.085 milhões) do total das aquisições externas, em 2018. Em 2000, o percentual era ligeiramente superior, 57,5%, com compras no valor de US\$ 2.744,6 milhões. Nesse intervalo, o crescimento foi de 340%, ou 8,6% a.a.

Produto e preparos químicos diversos (10,4% do total das importações), nafta e demais produtos derivados do petróleo (9,7%), demais bens intermediários (7,6%) e motores, peças e acessórios para veículos automotores (4,5%) foram os principais itens importados dessa categoria, em 2018.

As compras de Bens de Capital, que incluem máquinas e equipamentos usados na produção de outros bens, sinalizam o investimento produtivo que a Região faz. Em 2000, a participação desta categoria no total das aquisições era de 11,3%, passou para 15,8% em 2001 e atingiu 18,7% em 2006. Em 2018, registrou a menor participação no período de análise, 7,8% (US\$ 1.701,7 milhões), relativamente ao ano de 2000 (US\$ 504,1 milhões), o incremento foi de 215% (6,6% a.a.), abaixo do registrado pelas importações totais do Nordeste. Tratores e veículos de carga (3,2% do total das aquisições do Nordeste), máquinas e equipamentos de uso geral (1,2%) e máquinas e equipamentos de uso industrial específico (0,8%) foram os principais bens de capital importados pela Região, em 2018.

As aquisições de Combustíveis e lubrificantes (29,4% das importações) registraram expressivo crescimento de 444% (ou 9,9% a.a.) em 2018 relativamente a 2000. Ou seja, passaram de US\$ 1.172,9 milhões para US\$ 6.375,9 milhões. As compras da categoria, em 2018, foram direcionadas para os seguintes produtos: óleos combustíveis, inclusive óleo diesel (12,1% do total importado), demais produtos derivados do petróleo (6,6%), gás natural liquefeito (3,5%), carvão mineral e gás natural (3,3%), gasolina (3,0%), óleos brutos de petróleo (0,8%) e demais produtos de combustíveis (0,2%).

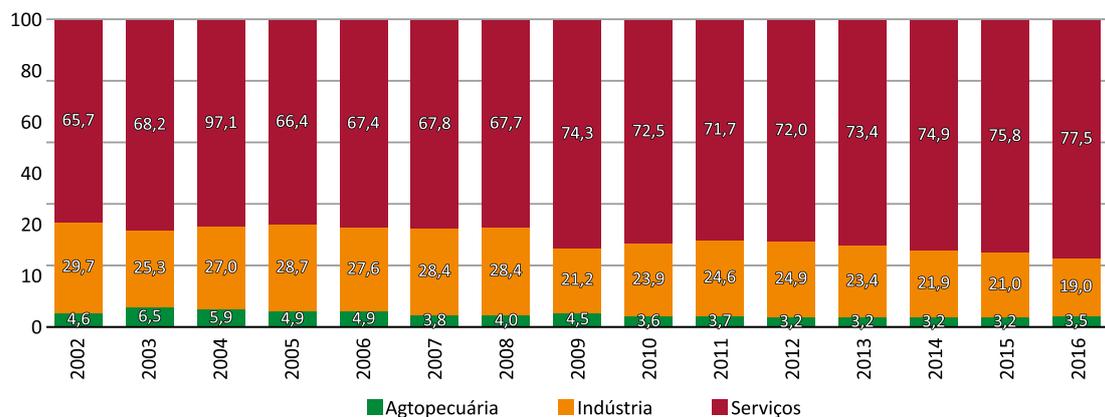
As importações de Bens de Consumo Duráveis e Bens de Consumo não Duráveis participaram com 2,5% e 4,5%, respectivamente, das aquisições totais da Região. Em 2018, as importações dos Bens de Consumo Duráveis atingiram US\$ 534,5 milhões, crescimento de 173% (5,7% a.a.) em relação ao montante de 2000 (US\$ 195,6 milhões), entretanto, 65,4% abaixo do maior volume de importação registrado no período em análise, US\$ 1.546,6 milhões, em 2014.

Automóveis para passageiros foi o principal produto de importação desta categoria, com 75,7% de participação, seguido de eletrodomésticos (15,0%) e de aparelhos eletrônicos, de áudio e de vídeo (4,8%).

Já as importações de Bens de Consumo Semiduráveis e não Duráveis registraram expressivo crescimento de 690% (12,2% a.a.) na relação 2018 (US\$ 978,5 milhões), frente a 2000 (US\$ 123,8 milhões). Comparativamente a 2017 (US\$ 1.020,6 milhões), entretanto, retrocedeu 4,1%, refletindo a retração do consumo das famílias. Os principais produtos importados, nesta categoria, em 2018, foram: Produtos farmacêuticos e artigos médicos (16,2%), demais bens de consumo não duráveis (10,2%), artigos de vestuário e acessórios (9,95%), peixes, crustáceos e moluscos e suas preparações (7,7%), calçados e artigos de couros (7,5%).

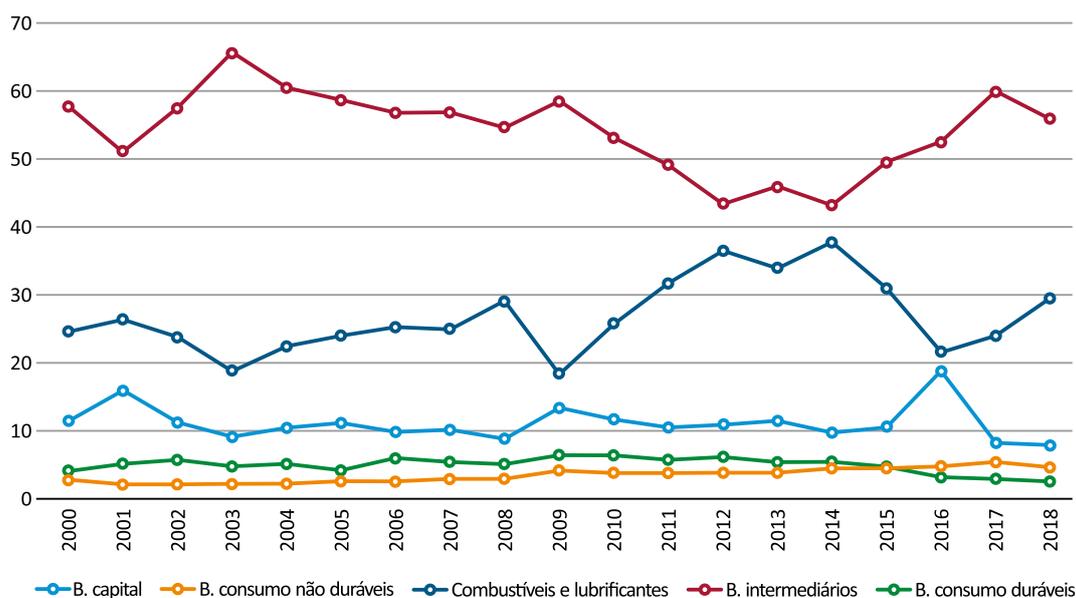
Os Gráficos 6 e 7 mostram a estrutura das importações segundo a categoria econômica, em valor e em percentual.

Gráfico 6 – Nordeste: Importação segundo a categoria econômica de 2000 a 2018 - Em US\$ milhões correntes



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2019).
Nota: Foram excluídos os bens não classificados.

Gráfico 7 – Nordeste: Importação segundo a categoria econômica de 2000 a 2018 - Em %



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2019).
Nota: Foram excluídos os bens não classificados.

5 Exportações e Importações do Nordeste segundo Principais Parceiros Comerciais

As trocas comerciais do Nordeste com parceiros internacionais registraram significativo crescimento nos últimos anos. Em 2000, a Região exportava para 132 países, passando, em 2018, a transacionar com 190 países. Apesar dessa inserção em novos mercados, os cinco principais parceiros comerciais da Região absorveram 63,4% das exportações da Região, em 2018.

No início da série em análise (2000), a China respondia por apenas 1,1% das vendas da Região. Desde 2013, entretanto, a economia chinesa passou a ser o principal destino das exportações do Nordeste, com 13,1% de participação. Em 2018, importou o montante de US\$ 4.476,6 milhões, ou, 24,1% do

total exportado pela Região. No período 2000/2018, as vendas cresceram expressivos 10.172% (29,3% a.a.), com algumas oscilações, nesse intervalo, causadas pelas flutuações dos preços internacionais das commodities exportadas além da crise internacional.

Cinco produtos do Nordeste responderam, em termos de valor, por 94,3% do total adquirido pela China: soja (63,5%), pastas químicas de madeira para dissolução (17,7%), cátodos e seus elementos de cobre refinado, em formas brutas (6,3%), pasta química de madeira, para dissolução (3,7%) e algodão (3,0%).

Segundo principal parceiro do Nordeste, os Estados Unidos responderam, em 2018, por 16,3% do total exportado pela Região (US\$ 3.016,1 milhões), crescimento de 140% (5,0% a.a.) frente a 2000. Outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado (15,7%), alumina calcinada (11,0%), pastas químicas de madeira, à soda ou ao sulfato, exceto pastas para dissolução (9,6%), óleos combustíveis (7,0%) e bulhão dourado, em formas brutas, para uso não monetário (4,6%) foram responsáveis por 48,0% do valor das exportações do Nordeste para o País norte-americano em 2018.

As exportações do Nordeste para a Argentina quadruplicaram no período de 2000 a 2018, passando de US\$ 437,6 milhões para US\$ 1.742,2 milhões. Entretanto, comparativamente a 2017, as vendas para esse País recuaram 12,6%, reflexo da recessão econômica enfrentada pela nação platina.

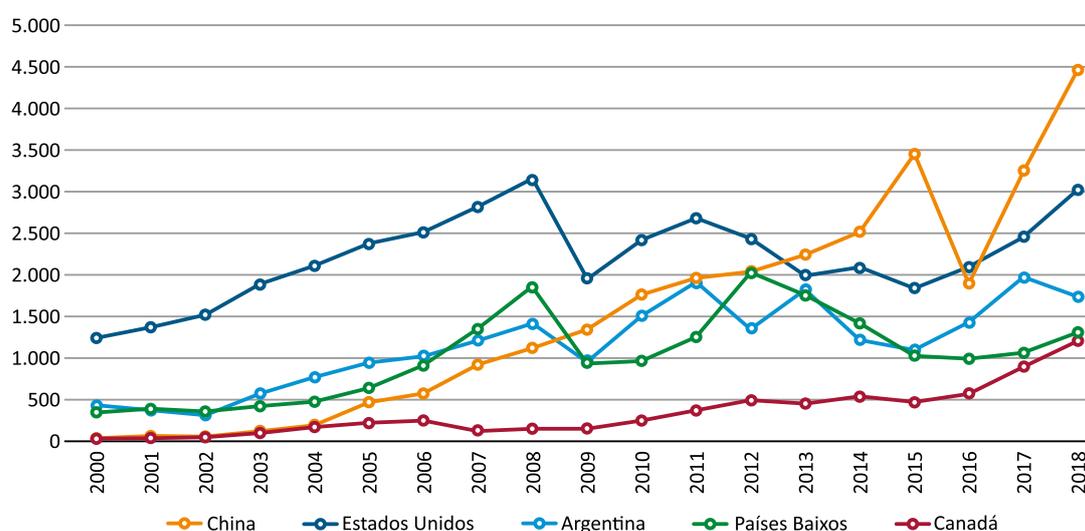
Automóveis com motor a explosão, de cilindrada superior a 1.000 cm³, mas não superior a 1.500 cm³, com capacidade de transporte de pessoas sentadas inferior ou igual a seis, incluindo o motorista (23,2%), automóveis com motor a explosão, 1500 < cm³ <= 3000, até 6 passageiros (14,3%), alumina calcinada (10,6%), óleo diesel (6,8%) e outros veículos automóveis com motor diesel, para carga <= 5 toneladas (6,6%) foram os principais produtos exportados para a Argentina, em 2018, representando 61,5% do total.

Países Baixos (Holanda) e Canadá ocuparam a quarta e quinta posições de destino das exportações do Nordeste, nos valores de US\$ 1.305,6 milhões (7,0%) e US\$ 1.220,0 milhões (6,6%), respectivamente, em 2018. Neste ano, a Holanda destinou 67,9% das importações da Região para a aquisição dos seguintes produtos: Pastas químicas de madeira, à soda ou ao sulfato, exceto pastas para dissolução (22,3%), óleos combustíveis (15,0%), outros aparelhos para filtrar ou depurar líquidos (13,5%), pentóxido de divanádio (11,8%) e mangas frescas ou secas (5,3%).

Já o Canadá adquiriu alumina calcinada (65,3 %), outros resíduos/desperdícios, de outros metais preciosos (7,7%), outros açúcares de cana (6,2%), pentóxido de divanádio (4,5%) e outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado (3,9%).

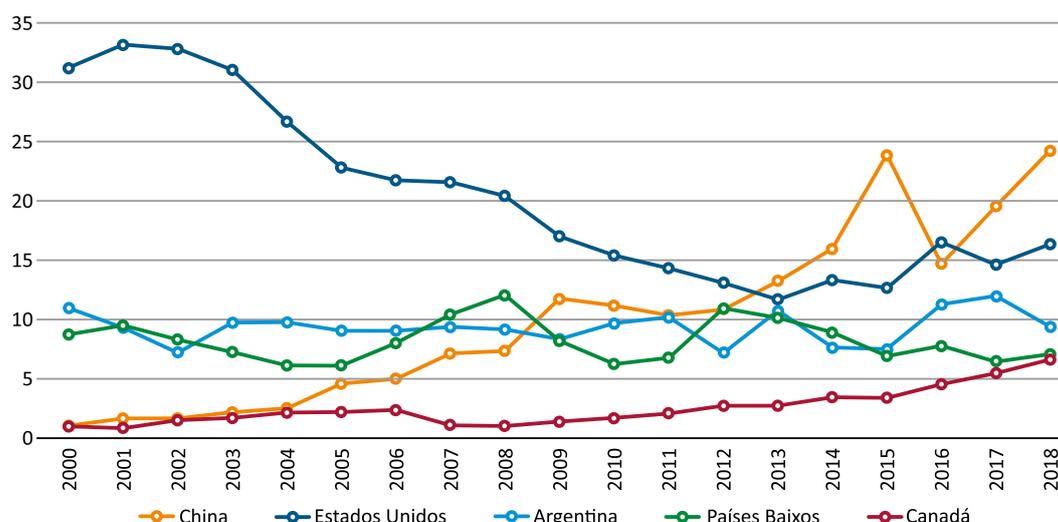
Os Gráficos 8 e 9 mostram a estrutura das exportações segundo os países de destino, em valor e em percentual.

Gráfico 8 – Nordeste: Exportação segundo países de destino - 2000 a 2018 - Em US\$ milhões correntes



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2019).

Gráfico 9 – Nordeste: Exportação segundo países de destino de 2000 a 2018 - Em %



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2019).

Estados Unidos (30,2% do valor importado), China (9,6%), Argentina (8,9%), Argélia (3,7%) e Itália (3,3%) foram os principais países de origem das importações do Nordeste em 2018.

As importações do Nordeste oriundas dos Estados Unidos cresceram, no intervalo de 2000 a 2018, quase 1.000%, passando de US\$ 602,3 milhões para US\$ 6.540,3 milhões. Os principais produtos adquiridos responderam por 62,5% do valor total importado, em 2018: óleo diesel (34,1%), outros propanos liquefeitos (12,1%), álcool etílico não desnaturado (8,2%), outras gasolinas, exceto para aviação (4,0%) e hidróxido de sódio (soda cáustica) (4,0%).

As importações de produtos da China cresceram 4.622% (23,9% a.a.) no período em análise, saltando de US\$ 44,2 milhões, em 2000 para US\$ 2.087,7 milhões, em 2018. Por serem diversificados, os cinco principais produtos importados respondem por apenas 18,0% do total: células solares em módulos ou painéis (8,1%), glifosato e seu sal de monoisopropilamina (3,0%), produtos laminados planos, de ferro ou aço não ligado (2,8%), redutores, multiplicadores, caixas de transmissão e variadores de velocidade, incluindo os conversores de torque (2,7%) e partes de outros motores/geradores/grupos eletrogeradores (1,6%).

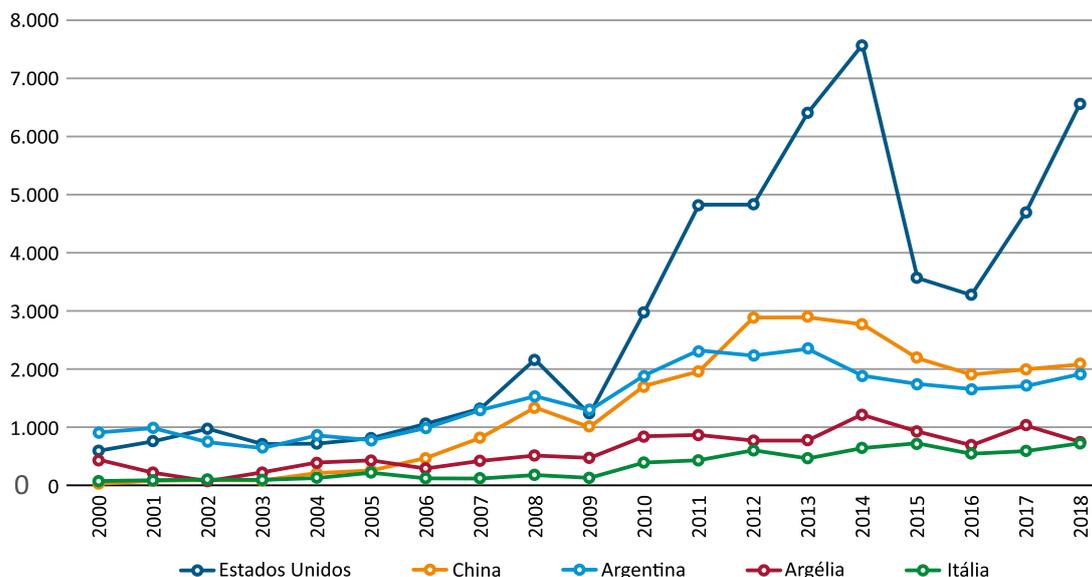
A Argentina é terceiro maior fornecedor de produtos para a Região Nordeste, com US\$ 1.935,7 milhões, em 2018, crescimento de 108% (4,2%) frente a 2000. As importações estão concentradas (78,4%) em outros veículos automóveis com motor diesel, para carga <= 5 toneladas (33,4%), trigos e misturas de trigo com centeio (32,0%), automóveis com motor explosão, 1500 < cm3 <= 3000, até 6 passageiros (5,2%), automóveis com motor diesel, cm3 > 2500, superior a 6 passageiros (4,9%) e malte não torrado, inteiro ou partido (2,9%).

No quarto e quinto lugares dos principais países de origem das importações do Nordeste estão a Argélia e Itália, com aquisições de US\$ 808,9 milhões e US\$ 724,3 milhões, respectivamente, em 2018. Da Argélia, a Região Nordeste demandou, em 2018, naftas para petroquímica (83,2%), outros propanos liquefeitos (9,6%), óleos brutos de petróleo (3,6%), ureia (2,5%) e butanos liquefeitos (0,8%).

Já da Itália, os cinco produtos mais importados foram naftas para petroquímica (32,5%), motores diesel/semidiesel, para veículos do capítulo 87, 1500 < cm3 <= 2500 (15,5%), outras partes e acessórios de carrocerias para veículos automóveis (3,5%), óleo diesel (3,4%) e máquinas e aparelhos para indústria de panificação e pastelaria (2,1%).

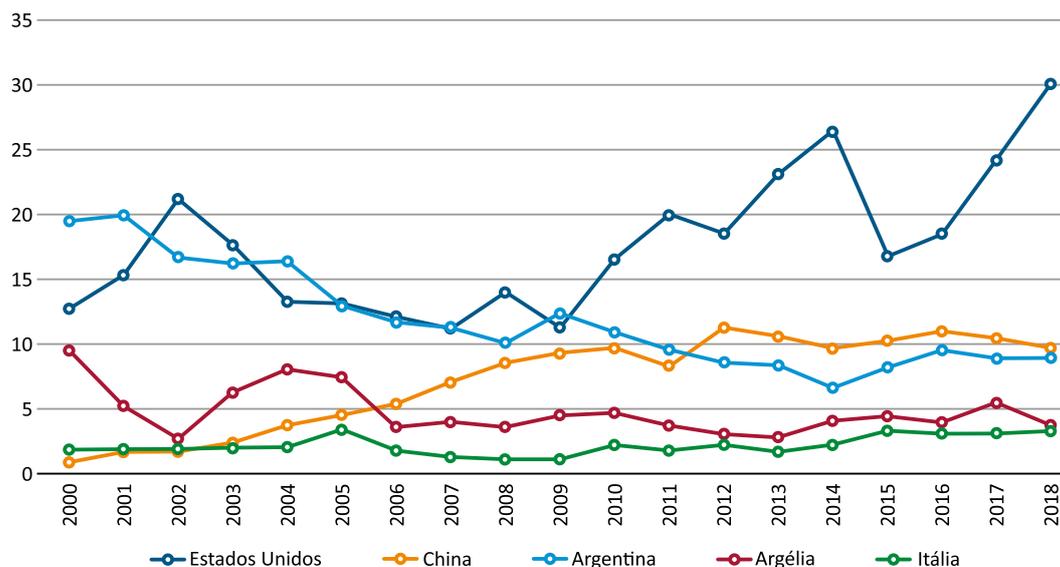
Os Gráficos 10 e 11 mostram a estrutura das importações segundo os países de origem, em valor e em percentual.

Gráfico 10 – Nordeste: Importação segundo países de destino de 2000 a 2018 - Em US\$ milhões correntes



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2019).

Gráfico 11 – Nordeste: Importação segundo países de destino de 2000 a 2018 - Em %



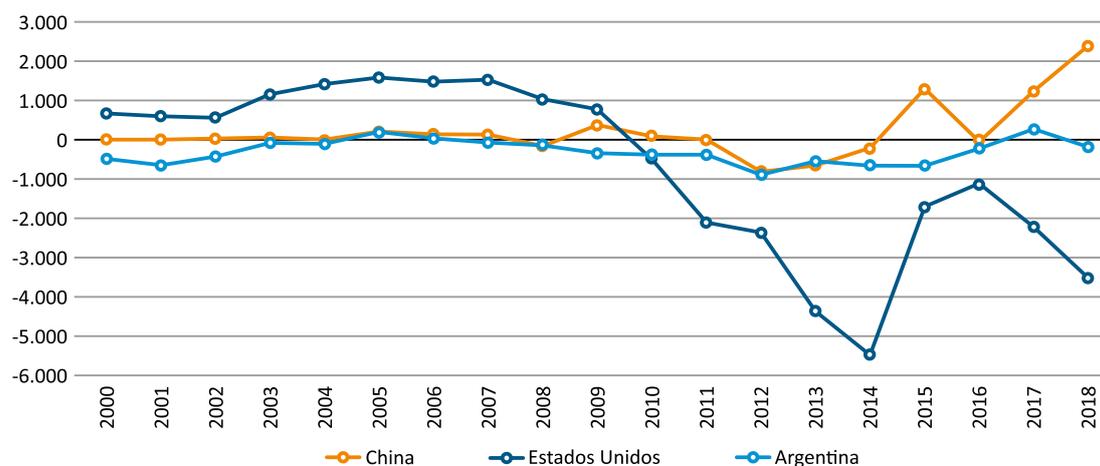
Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2019).

O Gráfico 12 detalha a trajetória do saldo comercial das transações do Nordeste com os três principais parceiros internacionais. As trocas comerciais com a China oscilaram, no período em análise, mas desde 2017, apresentam expressivos saldos positivos. O Brasil, e consequentemente, o Nordeste, estão se beneficiando com a guerra comercial travada entre o país asiático e os Estados Unidos. Em 2018, a balança comercial do Nordeste foi superavitária com a China (+US\$ 2.388,9 milhões).

As relações do Nordeste com os Estados Unidos vêm sendo deficitárias desde 2010, atingindo o ápice em 2014 (-US\$ 5.471,5 milhões). Em 2018, o déficit foi de US\$ 3.524,1 milhões.

No período de 2000 a 2018, o saldo da balança comercial do Nordeste com a Argentina registrou superavit apenas nos anos de 2005, 2006 e 2017. Em 2018, o deficit foi de US\$ 193,5 milhões.

Gráfico 12 – Nordeste: Saldo da balança comercial de 2000 a 2018 - Em US\$ milhões correntes



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2019).

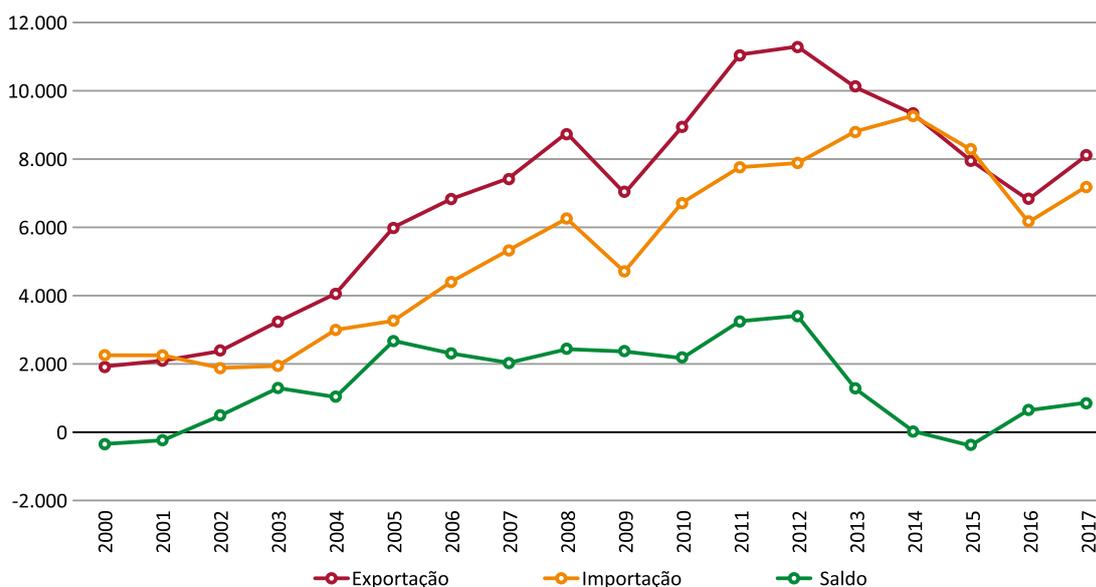
4 Exportações e Importações dos Estados do Nordeste

Bahia

A Bahia lidera o ranking dos estados exportadores do Nordeste, participando com 47,4% do total das vendas externas, em 2018. As exportações somaram US\$ 8.796,2 milhões, alta de 353% (8,8% a.a.) ante 2000 (US\$ 1.942,4 milhões). As importações atingiram US\$ 7.915,1 milhões, 36,5% do total das aquisições da Região, registrando crescimento de 253% (7,2% a.a.) na relação 2018/2000. O saldo da balança comercial do Estado, em 2018, foi superavitário em US\$ 881,1 milhões.

O Gráfico 13 mostra a trajetória das exportações, importações e saldo da balança comercial da Bahia, no período de 2000 a 2018.

Gráfico 13 – Bahia: Exportação, importação e saldo de 2000 a 2018 - Em US\$ milhões correntes



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2019).

As exportações baianas, segundo fator agregado, mostra que as vendas de Produtos Básicos (US\$ 2.907,0 milhões) representou 33,0% do total, em 2018. Os principais produtos vendidos foram soja, farelo e resíduos da extração de óleo de soja e algodão em bruto. Vale ressaltar que a Bahia é o sexto maior produtor nacional do grão. Os Produtos Manufaturados (US\$ 3.364,9 milhões ou 38,3%) são os mais representativos na pauta baiana com as vendas de óleos combustíveis, automóveis de passageiros e demais produtos manufaturados.

As exportações de Produtos Semimanufaturados (US\$ 2.481,7 milhões) atingiram 28,2% do total, com destaque para os embarques de celulose, catodos de cobre e demais produtos semimanufaturados. China (31,4%), Argentina (11,5%) e Estados Unidos (11,0%) foram os principais países de destino das exportações baianas.

A decomposição das importações baianas por grandes categorias econômicas revela a concentração das aquisições, em 2018, em Bens Intermediários (72,5%, nafta e demais produtos derivados do petróleo, produtos e preparos químicos diversos, demais produtos da extrativa mineral), Bens de Capital (11,3%, tratores e veículos de carga, máquinas e equipamentos de uso geral, máquinas e equipamentos de uso industrial específico) e combustíveis e lubrificantes (10,9%, gás natural liquefeito, demais produtos derivados do petróleo, óleos combustíveis).

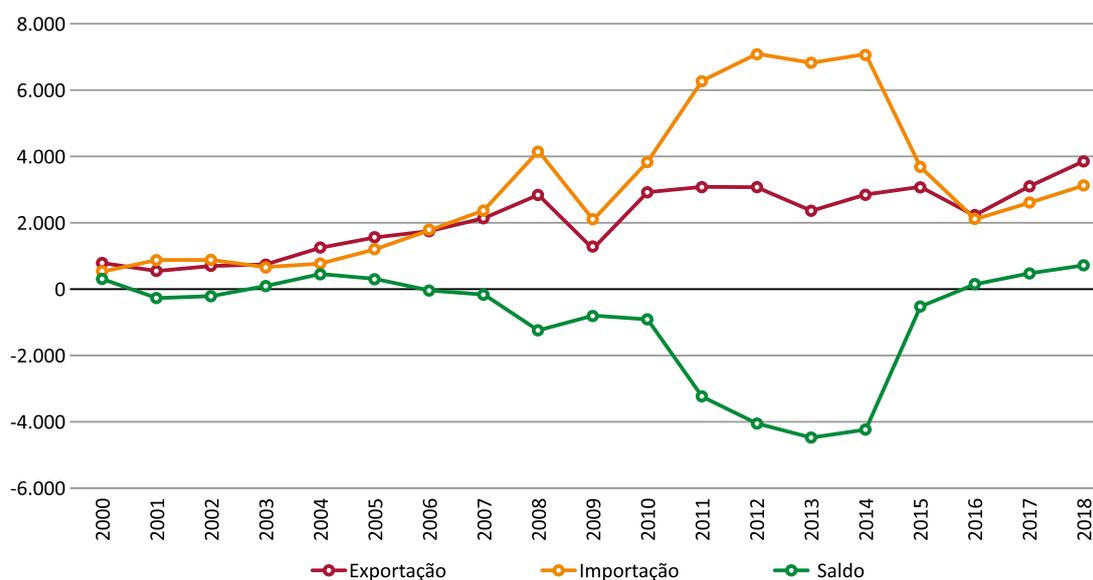
Estados Unidos figuraram como principal destino dos produtos baianos em 2018, com 11,3% de participação, seguido da Argentina (10,8%) e Argélia (8,7%).

Maranhão

Maranhão, com vendas de US\$ 3.788,5 milhões em 2018, contribuiu com 20,4% das exportações do Nordeste. Relativamente a 2000 (US\$ 752,4 milhões), as vendas externas cresceram 404% (ou 9,4% a.a.). As importações atingiram US\$ 3.094,1 milhões, incremento de 538% (10,8% a.a.) ante os US\$ 484,8 milhões registrados em 2000). Após um período com déficits na balança comercial (2006 a 2015), o Estado registrou, em 2018, saldo positivo de US\$ 694,4 milhões.

O Gráfico 14 apresenta a trajetória das exportações, importações e saldo da balança comercial do Maranhão, no período de 2000 a 2018.

Gráfico 14 – Maranhão: Exportação, importação e saldo de 2000 a 2018 - Em US\$ milhões correntes



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2019).

As vendas de Produtos Básicos representaram 30,8% das exportações maranhenses, com destaque para a soja (26,1% da pauta), em 2018. No grupo dos Semimanufaturados, a venda de celulose participou

com 21,7% do total das vendas externas. Já no grupo dos Produtos Manufaturados, a alumina calcinada, com 43,0% do total, é o principal produto da pauta de exportação maranhense. As vendas tiveram como principais destinos a China (25,8%), Canadá (21,1%) e Estados Unidos (19,3%).

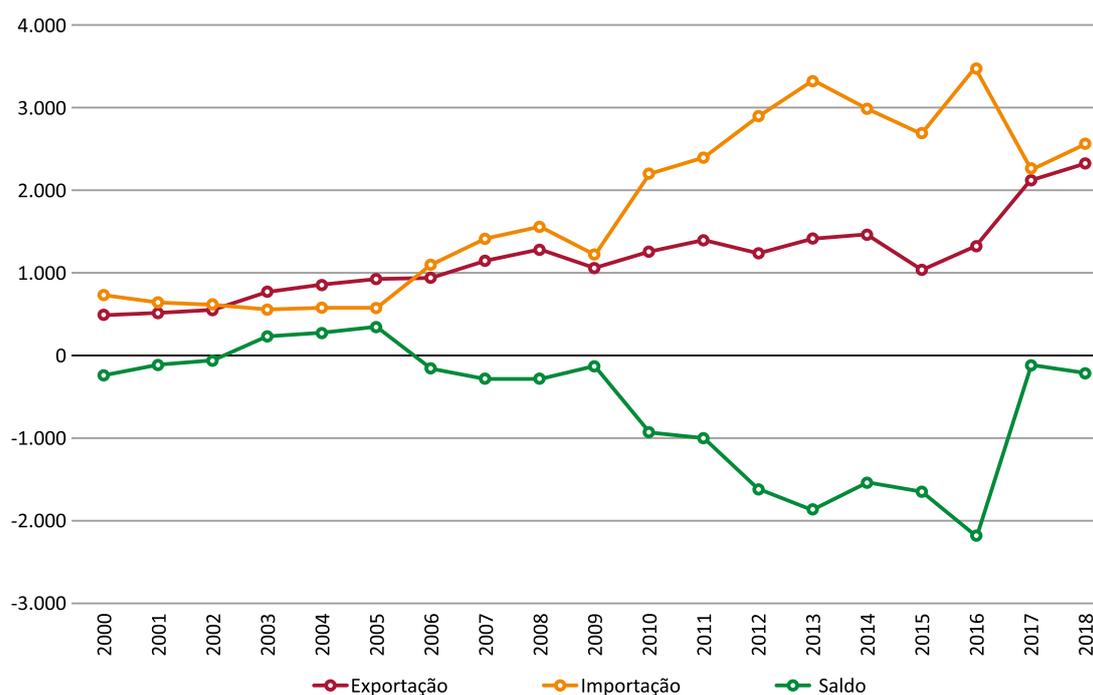
As importações maranhenses, segundo a categoria de uso dos produtos, concentraram-se em combustíveis e lubrificantes (57,5% da pauta), com destaque para óleos combustíveis, inclusive óleo diesel (47,6%) e gasolina (7,0%), bem como em Bens Intermediários (39,3%), com as aquisições de demais bens intermediários (15,6%), produto e preparos químicos diversos (13,7%) e adubos, fertilizantes e defensivos agrícolas (7,2%). Os Estados Unidos (71,4%) representaram a principal origem das compras externas do Maranhão, vindo em seguida a Rússia (3,5%) e Países Baixos (Holanda) (2,8%).

Ceará

O Ceará ocupa o terceiro lugar no ranking das exportações do Nordeste, respondendo por 12,5% (US\$ 2.327,8 milhões), em 2018, aumento de 370% (9,0% a.a.) relativamente a 2000 (US\$ 494,8 milhões). As importações representaram 11,7% (US\$ 2.533,3 milhões) do total da Região Nordeste, em 2018, incremento de 248% (7,2%) nesse período comparativo. O saldo da balança comercial acumulou déficit de US\$ 205,5 milhões.

O Gráfico 15 especifica a trajetória das exportações, importações e saldo da balança comercial do Ceará, no período de 2000 a 2018.

Gráfico 15 – Ceará: Exportação, importação e saldo de 2000 a 2018 - Em US\$ milhões correntes



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2019).

A desagregação das exportações cearenses por fator agregado mostra que, em 2018, as vendas dos Produtos Básicos representaram 12,0% da pauta, sendo os principais produtos embarcados, castanha de caju, melões frescos e lagostas congeladas. Já os principais produtos Manufaturados (22,9%) exportados foram calçados, motores, geradores e transformadores elétricos e suas partes e sucos de frutas ou produtos hortícolas, congelados ou não. Entretanto, foram os produtos semimanufaturados (64,2%) os mais significativos da pauta cearense, com destaque para os produtos semimanufaturados de ferro ou aço.

Vale ressaltar que, em junho de 2016, tiveram início as operações da Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP), localizada no Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP), no município de São Gonçalo do Amarante (CE), mudando o perfil exportador do Estado com as vendas de placas de aço.

Os principais parceiros comerciais do Ceará foram Estados Unidos (36,9%), Coreia do Sul (7,8%), Turquia (7,5%) que absorveram 52,2% das exportações do Estado.

Pelo lado das importações cearenses, as categorias Bens intermediários (51,6%, trigo em grãos, produto e preparos químicos diversos, demais bens intermediários) e combustíveis e lubrificantes (38,3%, carvão mineral e gás natural, gás natural liquefeito, óleos combustíveis) foram as mais representativas. Os principais países de origem das importações cearenses, em 2018, foram: China (21,7%), Estados Unidos (18,0%) e Colômbia (11,5%).

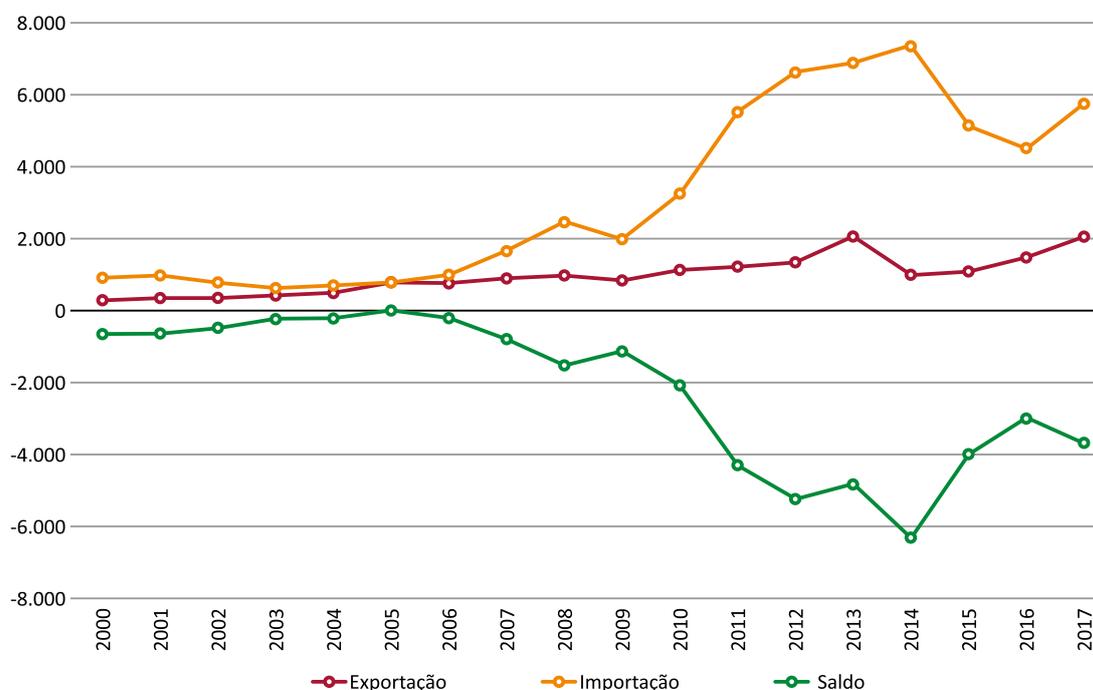
Pernambuco

As vendas externas de Pernambuco alcançaram US\$ 1.974,9 milhões em 2018, participando com 10,6% da receita total de exportação do Nordeste. Relativamente a 2000 (US\$ 283,8 milhões), registraram crescimento de 596% (11,4% a.a.). Já as importações somaram US\$ 926,0 milhões em 2000 e US\$ 6.505,8 milhões em 2018, incremento de 603% (11,4% a.a.), nesse período. O Estado vem apresentando déficits na balança comercial desde 1993 (- US\$ 120,2 milhões). No período em análise, atingiu, em 2014, o maior saldo negativo, US\$ 6.370,4 milhões, e em 2018, US\$ 4.530,9 milhões. Esses resultados devem-se à estrutura das pautas de exportações e importações e do parque produtivo do Estado.

Vale ressaltar que o pico das exportações, em 2013, foi devido à venda “contábil”, pois fisicamente continuam no País, de uma plataforma de perfuração e exploração de petróleo pelo Estaleiro Atlântico Sul. Em 2015, as exportações ganham um novo ritmo com inauguração do Polo Automotivo da Jeep, em Goiana (PE), empreendimento do grupo Fiat Chrysler Automobiles (FCA).

O Gráfico 16 mostra a trajetória das exportações, importações e o saldo da balança comercial de Pernambuco, no período de 2000 a 2018.

Gráfico 16 – Pernambuco: Exportação, importação e saldo de 2000 a 2018 - Em US\$ milhões correntes



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2019).

A análise das exportações por fator agregado revela a alta participação das vendas de Produtos Manufaturados, em 2018. Os principais produtos da categoria, óleos combustíveis (33,0%), automóveis de passageiros (18,5%), tereftalato de polietileno (9,5%) e veículos de carga (6,3%) representam 67,2% do total vendido pelo Estado pernambucano.

Os Produtos Básicos contribuíram com 8,9% das exportações em 2018, com destaque para uvas frescas, goiabas e mangas frescas e limões e limas, frescos ou secos. As exportações de Produtos Semimanufaturados como açúcar de cana e borracha sintética e borracha artificial participaram com 3,4% da pauta.

A Argentina (30,8%) foi o principal destino das vendas externas de Pernambuco, em 2018, seguida dos Estados Unidos (15,8%) e Países Baixos (10,0%).

A pauta de importação de Pernambuco, em 2018, foi composta, principalmente de Bens Intermediários (41,2% das aquisições) e de Combustíveis e lubrificantes (42,2%). Os principais bens intermediários adquiridos foram: motores, peças e acessórios para veículos automotores (10,9%) e produto e preparos químicos diversos (9,5%). Já na pauta da categoria Combustíveis e lubrificantes (42,2%) estão os seguintes produtos: derivados do petróleo (20,1%), Óleos combustíveis, inclusive óleo diesel (14,8%) e Gasolina (5,5%).

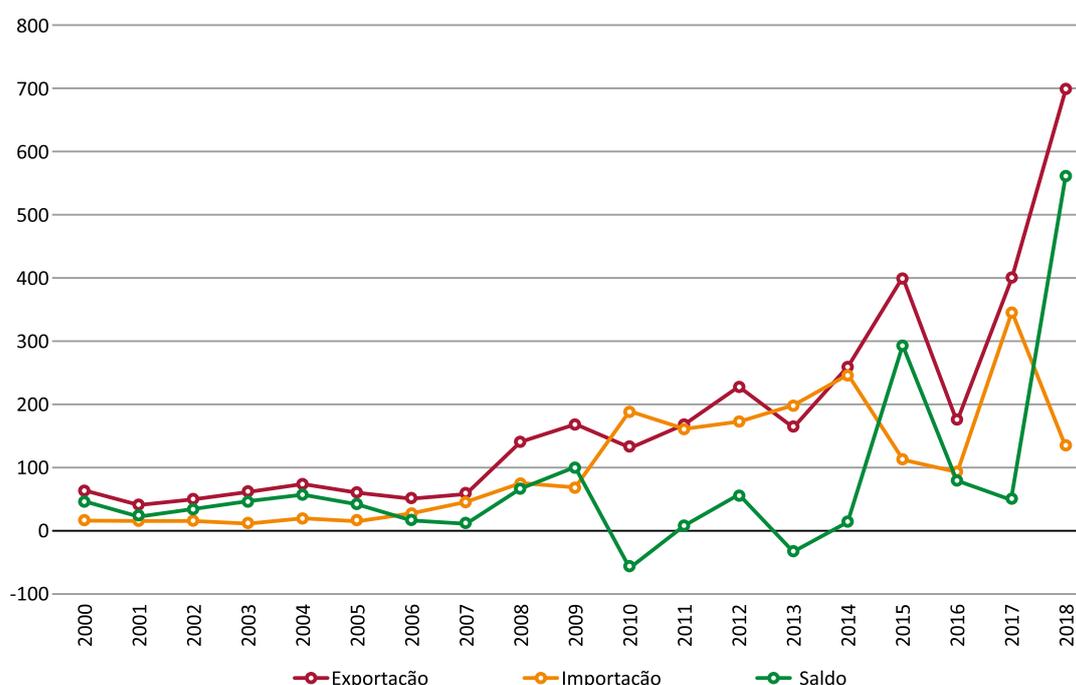
Os principais países de origem das importações pernambucanas, em 2018, foram, respectivamente, os Estados Unidos (40,3%), Argentina (9,5%) e México (5,7%).

Piauí

O Piauí participou com 3,8% do valor total exportado pelo Nordeste em 2018, mais que o dobro do que contribuía em 2000 (1,6%). As exportações, nesse período, cresceram, 1.000% (14,2% a.a.), passando de US\$ 63,3 milhões, em 2000, para US\$ 697,1 milhões, em 2018. As importações somaram, em 2000, US\$ 16,1 milhões e, em 2018, US\$ 133,6 milhões, aumento de 731% (12,5% a.a.), nesse período. O saldo da balança comercial piauiense foi o terceiro maior da Região, atrás da Bahia e do Maranhão, atingindo US\$ 563,4 milhões, no fim do período de referência.

O Gráfico 17 mostra a trajetória das exportações, importações e saldo da balança comercial do Piauí, no período de 2000 a 2018.

Gráfico 17 – Piauí: Exportação, importação e saldo de 2000 a 2018 - Em US\$ milhões correntes



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2019).

BNB Conjuntura Econômica

A análise por fator agregado mostra a concentração dos produtos básicos na pauta de exportação piauiense, representando 93,8% do total, em 2018. Em 2000, participava com 30,7%. Esse resultado deve-se à crescente participação das exportações de Soja, mesmo triturada e de bagaços e outros resíduos sólidos, da extração do óleo de soja na pauta do Estado. Em 2018, participaram com 84,5% e 5,9%, respectivamente.

O antigo líder de exportações do Estado, o Semimanufaturado cera vegetal, atualmente, ocupa a 3ª posição, com 5,4%. As exportações piauienses tiveram como principais destinos a China (79,3%), Alemanha (5,8%) e Estados Unidos (4,0%), em 2018.

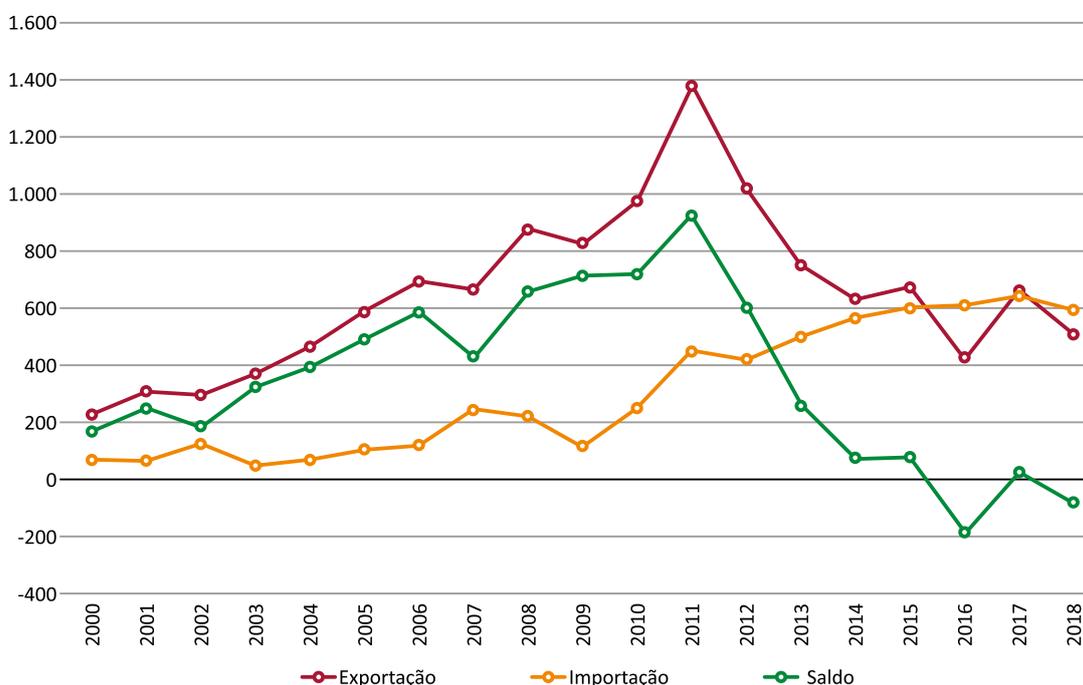
Por outro lado, as importações do Piauí, em 2018, foram destinadas às aquisições de Bens Intermediários (90,1%) e Bens de Capital (7,8%). Os principais produtos adquiridos foram laminados planos, de ferro ou aço não ligado (27,5%), outros produtos laminados planos, de ferro ou aço não ligado (11,2%) e cloretos de potássio (8,5%). As compras realizadas pelo Estado foram procedentes, principalmente, da China (39,8%), Estados Unidos (12,6%) e Ucrânia (8,7%)

Alagoas

Alagoas respondeu por 2,7% (US\$ 500,4 milhões) das exportações do Nordeste em 2018, aumento de 123% (4,6% a.a.) relativamente a 2000 (US\$ 224,3 milhões). As importações também representaram 2,7% (US\$ 589,8 milhões) do total do Nordeste, em 2018, incremento de 789% (12,9%), nesse período comparativo. O saldo da balança comercial, durante os anos em foco, acumulou déficits em 2016 (US\$ 191,1 milhões) e em 2018 (US\$ 89,4 milhões).

O Gráfico 18 apresenta a trajetória das exportações, importações e saldo da balança comercial de Alagoas, no período de 2000 a 2018.

Gráfico 18 – Alagoas: Exportação, importação e saldo de 2000 a 2018 - Em US\$ milhões correntes



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2019).

A pauta exportadora de Alagoas é concentrada em produtos derivados da cana-de-açúcar, 57,8% das vendas em 2018. Entretanto, o capítulo açúcares de cana já chegou a atingir 95,3% do total exportado em 2013. Após somar US\$ 1.245,9 milhões em 2011, as vendas da sacarose vêm decaindo. Os períodos de

seca, perda de competitividade, desativação de usinas e a entrada de novos competidores internacionais vêm concorrendo para esse resultado.

As vendas de produtos manufaturados (centrifugadores e aparelhos para filtrar ou depurar; policloreto de vinila (pvc) participaram com 32,5% das vendas externas e os Produtos Básicos (soja) com 3,1%, em 2018.

Além dos Países Baixos (Holanda) com 43,5% de participação, Argélia (13,2%) e Canadá (10,2%) foram os principais países de destino das vendas externas alagoanas.

As importações, em 2018, sob a ótica das grandes categorias econômicas, foram distribuídas em Bens Intermediários (49,1%) e Bens de Consumo não Duráveis (41,2%). Demais produtos manufaturados (25,9%), ácidos carboxílicos (5,4%) e alhos comuns, frescos ou refrigerados (4,0%) foram os principais produtos adquiridos pelo Estado.

A China foi o principal país de origem das importações alagoanas, em 2018, respondendo por 40,8% das aquisições do Estado, seguida dos Estados Unidos (14,8%) e Argentina (7,4%)

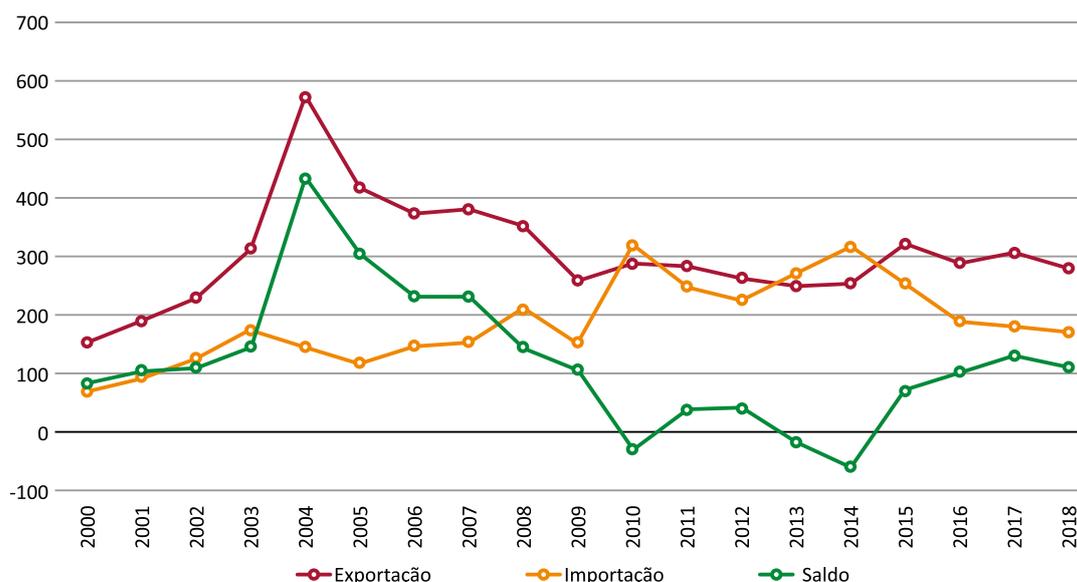
Rio Grande do Norte

No Estado do Rio Grande do Norte, as exportações aumentaram de US\$ 149,4 milhões em 2000 (3,7% do total do Nordeste) para US\$ 275,5 milhões (1,5% do total) em 2018, crescimento de 84,4% (3,5% a.a.), nesse intervalo. Vale ressaltar que, em 2004, as exportações atingiram o valor máximo da série, US\$ 573,8 milhões, devido às exportações de óleos brutos de petróleo (US\$ 284,2 milhões, 49,6% do total). As vendas do produto foram iniciadas em 2002 com o aumento da extração de petróleo pela Petrobras no Estado, no entanto, cessaram em 2006.

As importações somaram, em 2018, US\$ 166,3 milhões, aumento de 151% (5,2% a.a.), comparativamente a 2000 (US\$ 66,4 milhões). Nesse período, a balança comercial do Estado apresentou déficit apenas em 2010, 2013 e 2014. Em 2018, registrou superavit de US\$ 109,2 milhões.

O Gráfico 19 mostra a trajetórias das exportações, importações e saldo da balança comercial do Rio Grande do Norte, no período de 2000 a 2018.

Gráfico 19 – Rio Grande do Norte: Exportação, importação e saldo de 2000 a 2018 - Em US\$ milhões correntes



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2019).

BNB Conjuntura Econômica

A desagregação das exportações por fator agregado mostra que, em 2018, as vendas dos Produtos Básicos representaram 72,4% da pauta potiguar. Destacaram-se as exportações de melões frescos, castanha de caju e sal marinho.

Os produtos manufaturados responderam por 24,7% das exportações em 2018, com destaque para tecidos de algodão; óleos combustíveis e demais produtos manufaturados.

Estados Unidos (21,8%), Países Baixos (Holanda) (17,1%) e Espanha (10,3%) foram os principais destinos das exportações do Rio Grande do Norte.

Por outro lado, a análise das importações, segundo grandes categorias econômicas, mostra que os Bens Intermediários (insumos e matérias-primas) responderam por 82,8% do total das aquisições externas. Trigo em grãos, resinas e elastômeros e nafta e demais produtos derivados do petróleo foram os principais itens importados dessa categoria.

Nas aquisições de Bens de Capital (12,1% das importações), os investimentos foram em máquinas e equipamentos de uso geral; máquinas e equipamentos de uso industrial específico; instrumentos e aparelhos de medida, de verificação e afins.

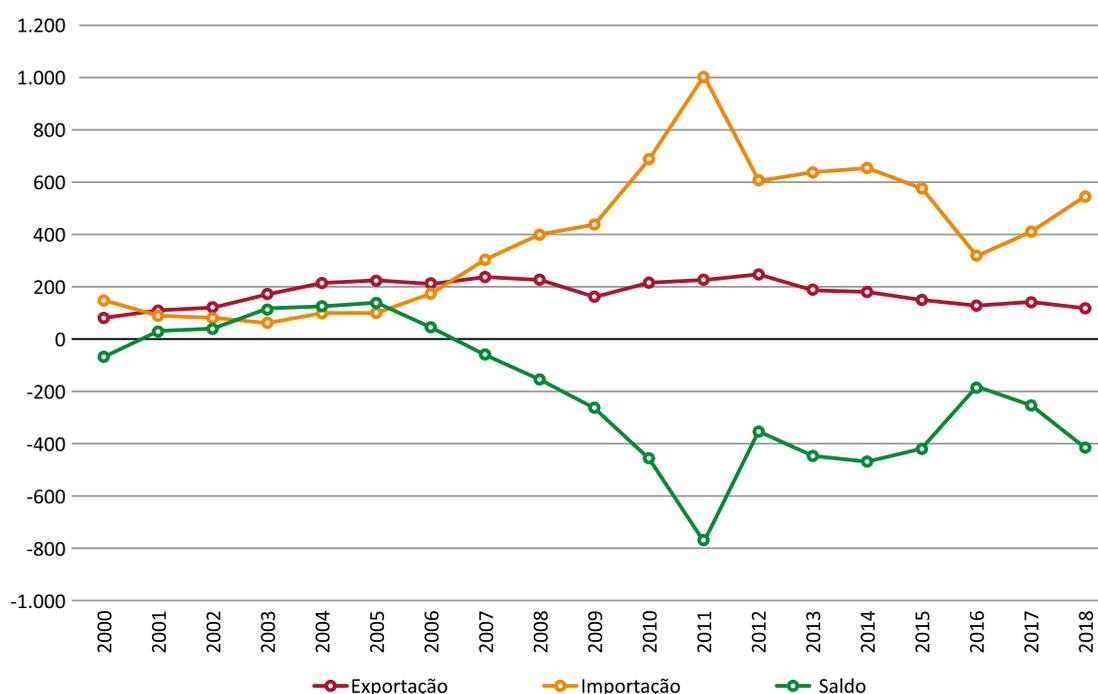
Argentina (36,6%), Estados Unidos (17,5%), China (11,8%) foram os principais países de origem das importações potiguares.

Paraíba

As exportações da Paraíba atingiram US\$ 115,6 milhões, em 2018, representando 0,6% do total do Nordeste. Relativamente ao ano de 2000 (US\$ 77,6 milhões), cresceu 49,0% (2,2% a.a.). As importações somaram, em 2018, US\$ 545,0 milhões, aumento de 265,4% (7,5% a.a.), nesse período comparativo. O expressivo aumento das aquisições, superando as vendas externas, tem gerado constantes déficits na balança comercial. Em 2018, o saldo foi negativo em US\$ 429,4 milhões.

O Gráfico 20 detalha as trajetórias das exportações, importações e saldo da balança comercial da Paraíba, no período de 2000 a 2018.

Gráfico 20 – Paraíba: Exportação, importação e saldo de 2000 a 2018 - Em US\$ milhões correntes



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2019).

A análise das exportações por fator agregado revela que as vendas de Produtos Manufaturados representaram 67,9% do total do Estado, em 2018. Os principais produtos da categoria foram calçados (51,8%), fios de algodão (6,2%) e sucos de frutas ou produtos hortícolas, congelados ou não (3,6%). Vale ressaltar que a Paraíba é o segundo maior exportador de calçados do Nordeste e o quarto do Brasil, em termos de valor. Porém, segundo o número de pares transacionados (18,2 milhões), perde apenas para o Ceará (40,9 milhões) e para o Rio Grande do Sul (27,2 milhões) (ABICALÇADOS, 2019).

Os Produtos Básicos contribuíram com 26,6% das exportações, em 2018, com destaque para Demais produtos básicos (14,6%), mamões (papaias) frescos (4,9%) e mármore e granitos, em bruto ou desbastados (3,7%). As exportações de Produtos Semimanufaturados como açúcar de cana em bruto contribuíram com 5,5% da pauta paraibana.

França (17,7%), Estados Unidos (13,5%) e Argentina (7,8%) foram os principais países de destino das exportações do Estado em 2018.

A análise das importações paraibanas, em 2018, segundo as grandes categorias econômicas, mostra que os Bens Intermediários (insumos e matérias-primas) responderam por 78,7% do total das aquisições externas do Estado. As principais aquisições foram em nafta e demais produtos derivados do petróleo (22,8%), produto e preparos químicos diversos (11,6%), demais bens intermediários (9,8%), trigo em grãos (9,6%) e pneus e produtos de borracha (7,0%).

As demais aquisições foram, principalmente, para Bens de Consumo não Duráveis (10,8% - calçados e artigos de couros; peixes, crustáceos e moluscos e suas preparações, etc) e para Bens de Capital (6,9% - Máquinas e equipamentos de uso industrial específico; máquinas e equipamentos de uso geral; equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos, etc).

Estados Unidos (37,0%), China (19,2%) e Argentina (15,8%) foram os principais países de origem das importações paraibanas, em 2018.

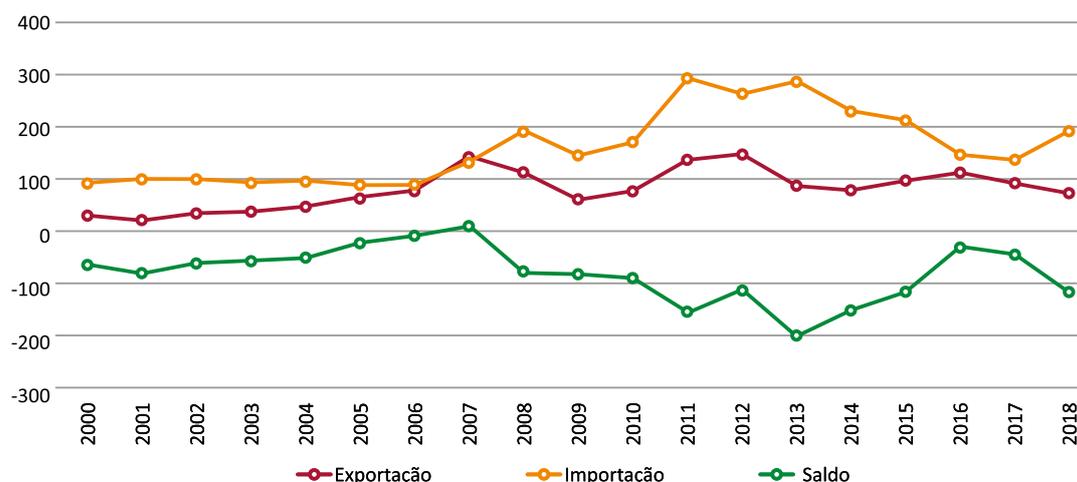
Sergipe

Sergipe contribuiu com 0,4% da receita total de exportação do Nordeste, em 2018. As exportações aumentaram de US\$ 29,7 milhões em 2000 para US\$ 74,0 milhões em 2018, com pico de US\$ 149,0 milhões em 2012. Crescimento de 149% (5,2% a.a.), nesse intervalo. Já as importações registraram incremento pouco menor, 105% (4,1% a.a.), passando de US\$ 93,7 milhões para US\$ 192,3 milhões no período 2000/2018.

Sergipe vem acumulando sucessivos déficits no saldo da balança, atingindo maior valor negativo em 2013 (-US\$ 202,5 milhões). A exceção foi no ano de 2007, superavit de US\$ 9,6 milhões.

O Gráfico 21 mostra a trajetórias das exportações, importações e saldo da balança comercial de Sergipe, no período de 2000 a 2018.

Gráfico 21 – Sergipe: Exportação, importação e saldo de 2000 a 2018 - Em US\$ milhões correntes



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados da FUNCEXDATA (2019).

As exportações sergipanas estão fortemente concentradas em Produtos Manufaturados. Sucos de laranjas, congelados, e não fermentados, principal produto de exportação do Estado, contribuiu com 54,1% das vendas totais em 2018. Calçados é o segundo produto manufaturado mais exportado (14,6% do total), seguido de açúcar refinado (4,8%). As vendas tiveram como principais destinos os Países Baixos (Holanda) (38,8%), Bélgica (12,4%) e Turquia (6,2%).

Sob a ótica das grandes categorias econômicas, as importações de Bens Intermediários representaram, em 2018, 86,1% das aquisições externas com destaque para adubos, fertilizantes e defensivos agrícolas (18,5%), materiais e aparelhos elétricos, partes e peças (14,7%), trigo em grãos (14,6%), produtos e preparos químicos diversos (11,8%) e nafta e demais produtos derivados do petróleo (8,0%). As compras de Bens de Consumo não Duráveis e Bens de Capital participaram com 7,9% e 6,0%, respectivamente.

Estados Unidos (19,6%), Argentina (14,8%) e Marrocos (14,4%) foram os principais países de origem das importações sergipanas.

5 Considerações Finais

A dinâmica das exportações e importações do Nordeste registra a mesma trajetória do comércio externo brasileiro, nos anos 2000, sofrendo das mesmas influências externas e internas, acrescida da longa estígia que assolou a Região nesse intermédio.

As exportações do Nordeste registraram crescimento de 362% (8,9% a.a.), entre os anos 2000 e 2018, ligeiramente superior ao registrado pelo País, 336% (8,5% a.a.). Da mesma forma, as importações da Região aumentaram 354% (8,8% a.a.), com incrementos percentuais maiores do que os apresentados pelo comércio brasileiro, 224% (6,8% a.a.).

Apesar desse desempenho, as exportações do Nordeste pouco avançaram em termos de contribuição ao total das vendas externas do País. Passaram de 7,3% das exportações totais, em 2000, para 7,7%, em 2018. Enquanto as importações que no ano de 2000 respondiam por 8,5% do total das aquisições do País, atingiram 2,0% em 2018.

Um dos fatores que impulsionaram as exportações do Nordeste foi a ampliação da produção de soja no oeste da Bahia, no sul do Maranhão e nos anos mais recentes, no sudoeste do Piauí que proporcionou aumento de 614% (20,1% a.a.), das vendas externas da oleaginosa, no período em análise. A soja passou do 8º lugar da pauta do Nordeste (2,9% do total) para o principal produto das exportações da Região (16,9%) no intervalo de 2000 a 2018. Como consequência, as exportações de produtos básicos aumentaram a participação na pauta do Nordeste, passando de 18,3% para 29,3%,

Apesar da perda de participação dos Produtos Semimanufaturados na pauta do Nordeste (36,2% para 28,9%), as exportações de celulose e de produtos semimanufaturados de ferro ou aços tiveram desempenho excepcional, com 868% (13,4% a.a.) e 8.718% (28,3% a.a.), respectivamente, no período em foco. Referidos produtos participaram com 12,3% e 7,4% no total das vendas da Região, em 2018, estando na 2ª e 4ª colocações no ranking das exportações do Nordeste.

Os produtos manufaturados são os mais representativos da pauta de exportação da Região. Figura na 3ª posição no ranking, o produto óxidos e hidróxidos de alumínio (8,8% da pauta) que registrou crescimento nas vendas de 2.590% (20,1% a.a.). Da quinta à sétima posição, estão os manufaturados óleos combustíveis (6,7% da pauta), automóveis de passageiros (4,9%) e demais produtos manufaturados (3,4%).

Esses resultados mostram a alta concentração da pauta exportadora, onde apenas os 7 produtos citados responderam por 60,4% das vendas externas em 2018. No ano de 2000, eram 18 produtos responsáveis por 60,6% do total das exportações.

Pelo lado das importações do Nordeste, os Bens Intermediários concentraram 55,8% do total das aquisições externas e as categorias Combustíveis e Lubrificantes e Bens de Capital responderam por 29,4% e 15,8% das importações, respectivamente, em 2018. A pauta de importações também é concentrada: nove produtos respondem por 61,6% das aquisições: óleos combustíveis, inclusive óleo diesel (12,1%); produtos e preparos químicos diversos (10,4%); nafta e demais produtos derivados do petróleo (9,7%); demais bens intermediários (7,7%); demais produtos derivados do petróleo (6,6%); motores, peças e acessórios para veículos automotores (4,5%); demais produtos da extrativa mineral (3,6%); gás natural liquefeito (3,5%) e trigo em grãos (3,4%).

O intercâmbio comercial do Nordeste com os principais parceiros internacionais mostra que, em 2018, os cinco países absorveram 63,4% das exportações da Região: China (24,1%); Estados Unidos (16,3%); Argentina (9,4%); Países Baixos (7,0%) e Canadá (6,6%). Por outro lado, Estados Unidos (30,2%), China (9,6%), Argentina (8,9%), Argélia (3,7%) e Itália (3,3%) foram os parceiros responsáveis por 55,8% dos valor total das aquisições do Nordeste.

A Bahia foi o Estado que registrou o maior volume de vendas externas (47,4%) do Nordeste em 2018. O Maranhão ocupou a segunda posição com 20,4% das exportações, vindo em seguida Ceará (12,5%) e Pernambuco (10,6%). Do lado das importações, Bahia concentrou 36,5% do total das compras externas da Região seguida por Pernambuco (30,0%), Ceará (11,7%) e Maranhão (14,3%).

Referências

ABICALÇADOS. **Panorama das exportações brasileiras**: calçados 2018. Novo Hamburgo, RS: ABICALÇADOS, 2018. Disponível em: <http://abicalcados.com.br/publicacoes/panorama-das-exportacoes>. Acesso em maio 2019.

FREIRE, L. L. R.; BARROSO, L. C. Evolução e perfil da balança comercial do Nordeste. **Informe ETENE**. Fortaleza: Banco do Nordeste, ano 3, n. 4, dez. 2018. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/documents/80223/1103955/INFORME+ETENE+Balan%C3%A7a+Comercial.pdf/5d3321e1-1e1c-54f3-1790-b9867abb9573>. Acesso em maio 2019.

FUNCEXDATA. Estatísticas de comércio exterior. Disponível em <http://www.funcexdata.com.br/>. Acesso em Maio. 2019 (Acesso Restrito).

BRASIL. Ministério da Economia, Indústria, Comércio Exterior e Serviços. **Estatísticas de Comércio Exterior**. Base de dados do Comex Stat. Brasília, 2019. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: maio 2019.

WORLD TRADE ORGANIZATION. **Trade Profiles 2018**. Geneva: WTO, 2018. Disponível em: https://www.wto.org/english/res_e/publications_e/trade_profiles18_e.htm. Acesso em maio 2019.

